

A mobilização social por meio da comunicação e a interface com a educomunicação

Hércules Barros

Introdução

“Agora todos nós nos convertemos em potenciais cidadãos jornalistas que, com pouco equipamento, podem gravar e em seguida pôr nas redes globais o que qualquer um esteja fazendo de errado, seja em que parte for.” A declaração do pensador Manuel Castells, no livro *Communication Power* (CASTELLS, 2009, p. 413), remete ao uso da internet como canal de Comunicação Social pelo cidadão comum e retrata como essa apropriação tem proporcionado aos movimentos sociais o exercício da prática coletiva da cidadania, principalmente por meio de plataformas móveis, dentre elas os celulares.

Nesse contexto, o presente artigo discorre sobre a atualidade da educomunicação como oportunidade de ampliação da democracia participativa na Comunicação e a possibilidade de diálogo dessa ‘nova’ área do conhecimento com as ações de mobilização das “redes sociais de indignação”⁸³, especialmente suas organizações via mídias sociais⁸⁴. A educomunicação pode colaborar com o um modelo horizontal de Comunicação, onde o receptor se converte em produtor de conteúdo no entendimento do direito à Comunicação e esta como um Direito Humano.

Compete à Comunicação, como campo de mediação dos espaços social, político e democrático, oferecer um modelo de percepção da realidade que se

⁸³ Expressão cunhada por mim a partir da leitura do pensamento do sociólogo Manuel Castells no livro *Redes de Indignação e Esperança*.

⁸⁴ Para fins deste artigo, entende-se por mídia social o meio ou a plataforma utilizados para veiculação de conteúdos informativos ou para entretenimento. Espaço onde as redes sociais exercem comunicação social e articulação social.

aproxime da gestão compartilhada do conhecimento. Mas, até que ponto as práticas comunicativas propostas por meio das mídias sociais são favoráveis aos cidadãos? Revolução midiática, convergência tecnológica, interação participativa, consumidores críticos e seletivos levam à participação ativa? A partir desses questionamentos é feita uma reflexão sobre uma proposta de modelo de comunicação onde o receptor se converta em produtor de mensagem.

Antes de discorrer sobre a aproximação da educomunicação do direito à Comunicação, é feito um breve resgate de acontecimentos históricos recentes de *advocacy* por meio das mídias sociais para exemplificar fatos onde a Comunicação das redes sociais⁸⁵ teve papel importante. Fenômenos de mobilização que estiveram ou estão em processo na opinião pública e que, em muitos casos, influenciaram profundamente os Meios de Comunicação de Massa tradicionais.

Acontecimentos

O educador Daniel Prieto, da Universidade de Cuyo, em Mendoza, Argentina, costuma dizer que “estamos vivendo uma revolução profunda na maneira de comunicar e aprender”. Nesse sentido, a internet tem possibilitado a interconexão de redes horizontais e viabilizado a comunicação interativa, proporcionando a auto-organização das pessoas em sociedade. Entendendo a Comunicação como um direito fundamental, a rede mundial de computadores e as redes móveis têm despontado como instrumentos para viabilizar tal realidade. No Brasil e no mundo, episódios recentes de resgate de direito à cidadania e à expressão de opinião marcam o uso das mídias sociais como canal de comunicação e ativismo social.

⁸⁵ Para fins deste artigo, entende-se por rede social um grupo de pessoas que compartilha algum interesse em comum. Estejam elas reunidas em comunidades ou organizações no espaço virtual ou real.

Uma das ocorrências em nível internacional de maior destaque foi o caso da autoimolação por fogo do jovem Mohammed Bouazizzi, na Tunísia, em 2010. O protesto que custou a vida do vendedor ambulante impedido pelas autoridades de seu país de vender frutas na rua, culminou em uma revolução pela liberdade e dignidade nas mídias sociais. A divulgação do ato nas redes sociais levou cerca de cinco mil pessoas ao funeral de Bouazizzi. A partir desse fato, manifestações por novas formas de participação na vida política, cidadania e direito à comunicação se estenderam em outros países do mundo árabe e levaram aos protestos conhecidos como “Primavera Árabe”, com mobilização social em rede no Egito, Jordânia e Líbia, onde regimes políticos entraram em crise ou ruíram.

Fenômenos midiáticos das redes sociais como o ocorrido no mundo árabe têm gerado análises, pelos estudiosos, do poder da democratização das informações e da comunicação. Há a clara percepção de que as trocas de mensagens por meio de mídias sociais contribuem para a organização dos movimentos sociais. Como pontua Manuel Castells em seus trabalhos, na era da internet a conexão entre redes possibilita a formação de redes de poder. Essas experiências mostram que o direito ao exercício da cidadania e o direito humano à comunicação são processos que mudam a partir do momento em que se produz um aparato de debate pela rede. Ciberespaço⁸⁶ e rede virtual, indignação pela rede e organização de debate: dinâmicas que mudam as relações sociais e levam à perda do “medo” de se fazer pressão social. Seres humanos saindo da condição de meros indivíduos para pessoas conectadas, cidadãos em rede.

No Brasil, o espaço virtual também tem servido de epicentro para as ações coletivas dos cidadãos. As mídias sociais têm aberto, inclusive, espaços significativos nos meios de comunicação de massa (MCM) para pautar questões sociais. Um caso notório nesse sentido foi registrado pela TV da Assembleia

⁸⁶ “Espaço criado artificialmente pelas convergências entre o mundo online gerado pelas redes telemáticas e as projeções digitais e imaginárias dos sujeitos que, direta ou indiretamente, interagem por seu intermédio, deve seu nome à obra do escritor William Gibson.” (Rüdiger, 2011, pág. 291)

Legislativa do Rio Grande do Norte, em maio de 2011. Na ocasião, a professora Amanda Gurgel, da rede pública de ensino do Estado, discursou sobre o descaso das autoridades governamentais com a educação. A fala da educadora foi durante audiência pública que, posteriormente, ganhou as redes sociais e se tornou um viral na internet.

Uma semana depois a professora estava no Programa do Faustão, da emissora Rede Globo. Gurgel aproveitou o momento de mídia espontânea em um dos canais de TV de maior visibilidade para convocar os telespectadores a aderir, no *twitter*⁸⁷, a campanha que reivindicava a destinação de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação por meio da divulgação de mensagens (*tweets*) com a *hashtag*⁸⁸ #dezporcentodopibja. O fluxo comum possibilitou a usuários do twitter a discussão em torno da atenção à educação. Sobre a dinâmica entre as mídias e redes sociais, a pesquisadora Lucia Santaella é pontual: “As mensagens do twitter não apenas fazem uso das redes, mas criam redes e são também a própria rede” (Santaella, 2010, pág. 17). Esse caso exemplifica o poder de mobilização do microblog e como ele é mais usado (e apropriado) para engajar pessoas ao redor de uma ideia e detectar lideranças e tendências. E mais.

A iniciativa da professora na internet mostra como é possível as redes sociais abrirem espaço nos meios de comunicação de massa para tratar de questões sociais e da reconfiguração das sociabilidades contemporâneas. Trata-se de novas formas de participação na reivindicação de atenção aos direitos humanos e à cidadania, como ocorreu nas recentes manifestações por todo o país por saúde, educação, transporte e segurança. Mais precisamente em junho e julho de 2013, com os passos iniciais do Movimento do Passe Livre, na cidade de São Paulo, que deu início a uma série de manifestações pelo país. Os partidos socialistas brasileiros chegaram a levantar as suas bandeiras nesses atos e os

⁸⁷ Microblog utilizado para mensagens de no máximo 140 caracteres.

⁸⁸ Indexadores de temas, tópicos e ou palavras-chave utilizados para agregar mensagens (*tweets*) em comum em um mesmo fluxo que reúne comunidades e interessados em torno de um tema específico.

manifestantes ressaltaram que se tratava de um movimento apartidário. Exigiram que as bandeiras fossem baixadas. Em seguida, vieram os *black blocs*.

Em entrevista ao programa “The Noite” da emissora SBT, apresentado pelo publicitário Danilo Gentili⁸⁹, exibido em 15 de setembro de 2014, a então presidente Luciana Genro destacou que, para o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), os *black blocs* prejudicaram o movimento brasileiro porque geraram uma reação desproporcional da polícia. Por outro lado, o pensador Manuel Castells destacou que a iniciativa do governo brasileiro em dar uma resposta às reivindicações democráticas. “Pela primeira vez, desde que, em 2010, se iniciaram esses movimentos em rede em noventa países diferentes, a mais alta autoridade institucional declarou que ‘tinha a obrigação de escutar a voz das ruas’”.

As manifestações sociais no Brasil e no mundo, potencializadas pelas mídias sociais, são exemplos claros de possibilidades de ampliação da democracia participativa nos processos de educação para a cidadania e para o direito à comunicação. Nesse sentido, é factível fazer uma aproximação com a Educomunicação, reconhecida como uma área do conhecimento que tem contribuído para a reconfiguração das sociabilidades contemporâneas.

Educomunicação

O exercício da prática coletiva da Comunicação por meio da gestão democrática da informação mostra-se como uma alternativa para fazer valer o direito humano à Comunicação e, conseqüentemente, à cidadania. Os movimentos sociais deflagrados pelas mídias sociais traçam o perfil dessas sociedades conectadas em rede que se caracterizam pela ocupação do espaço público urbano, criação de tempo e espaço próprios e ausência de lideranças e de

⁸⁹ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=PBXeEe4KURM> (último acesso em 23 de setembro de 2014).

programas partidários, além da marca temporal local e global. “Pois o que é irreversível no Brasil como no mundo é o empoderamento dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo que sabemos do futuro é que eles o farão. Móbil-izados” (Castells, 2013, pág. 182).

Os jovens fazem uso a todos os instantes de mídias sociais como *Facebook*, *Youtube* e *Whatsapp*. Os telefones móveis têm sido referência nessa difusão do conhecimento. Mesmo aqueles jovens menos favorecidos economicamente e sem acesso a celulares estão inseridos nesse processo. Eles recorrem às inúmeras *lan houses* Brasil afora para estarem conectados a redes sociais. Esses espaços reais que, no passado recente, marcaram e até hoje se caracterizam como pontos de encontro e conexão em rede, também podem proporcionar (e já proporcionam) uma possibilidade de revolução no saber.

“Caminhando rumo ao século XXI, vemos a cultura massiva conviver com novas técnicas e são também os segmentos juvenis um dos principais usuários dessas ferramentas de comunicação marcadas pela mobilidade, portabilidade e, em muitos casos, simultaneidade. No caso brasileiro, é também notável a crescente popularização e comercialização do acesso à internet, haja vista a penetração bastante expressiva de *lan houses* em uma ampla gama de cidades e de bairros. Disso não estão excluídas as regiões periféricas brasileiras, nas quais, munidos de MP3, celulares e frequentando assiduamente – e com custo relativamente baixo – as *lans*, jovens recebem, produzem e reciclam formas e conteúdos midiáticos” (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 14).

Ninguém melhor do que os jovens para avançar nesse aspecto. Eles têm o poder de mobilização e participação por meio das mídias sociais para provocar interação. Pois, mais importante do que a técnica da escrita é o reencontro com a capacidade de se comunicar. Os jovens contam com a vitalidade a seu favor e com o desprendimento para reinventar a face humana, solidária na forma de se

comunicar. Isso facilita a possibilidade de fazer parte, e não ficar à parte, da participação efetiva e qualificada e da efetividade da comunicação.

A efetividade do direito humano à Comunicação ainda tem um longo caminho pela frente. No livro *'Dos Meios às Mediações'*, Jesús Martín-Barbero traduz bem e de forma natural essa distância ao ressaltar que a mudança tecnológica (informação) processa-se de forma rápida, enquanto as mudanças culturais (comportamento) têm um ritmo muito mais demorado. E é nesse vácuo que a Educomunicação pode significar outro modelo de comunicação, onde o receptor se converta em produtor de mensagem.

“Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações” (CASTELLS, 2013, p. 11). As palavras de Castells se aproximam da Educomunicação quando apontam que os cidadãos da “era da informação” tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. “Elaboram seus projetos, compartilham sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem.”

Ao partir dessa linha de pensamento, a metodologia da educomunicação se faz importante porque a insurgência não começa com um programa ou estratégia política. Nasce da coletividade como as manifestações citadas anteriormente, e que se transformaram em reivindicações por necessidades básicas tais como educação, saúde, transporte e emprego. Conforme também lembra o jornalista e educador Alexandre Le Voci Sayad: “Os trabalhos em educomunicação têm hoje um papel fundamental em canalizar essas habilidades já evidentes para a produção de mídia de qualidade, marcada pela criatividade, motivação,

contextualização de conteúdos, afetividade, cooperação, participação, livre expressão, interatividade e experimentação”⁹⁰.

Em 2009, organizações da sociedade civil de diversas partes do país, integrantes da Rede CEP (Comunicação, Educação e Participação), estiveram reunidas em Fortaleza (CE) e, na ocasião, definiram coletivamente como educomunicação o seguinte conceito: “Conjunto de processos que promovem a formação de cidadãos participativos política e socialmente, que interagem na sociedade da informação na condição de emissores e não apenas consumidores de mensagens, garantindo assim seu direito à comunicação. Os processos educamunicativos promovem espaços dialógicos horizontais e desconstrutores das relações de poder e garantem acesso à produção de comunicação autêntica e de qualidade nos âmbitos local e global. Sendo assim, a educomunicação contempla necessariamente a perspectiva crítica com relação à comunicação de massa, seus processos e mediações”⁹¹.

Traduzida em imagem e comparada aos atos que se baseiam em redes dinâmicas autônomas, com o decisivo apoio da internet e das redes sociais, a educomunicação reinventa o modelo retilíneo de comunicação (emissor-canal-receptor) para um arquétipo em que o receptor também é emissor:

⁹⁰ Colocação do jornalista e educamunicador Alexandre Le Voci Sayad no prefácio do livro: *Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação*, citado na bibliografia do presente artigo.

⁹¹ Conclusão do Encontro da Rede CEP, destacado em *Educomunicação: de experiência alternativa a política pública* no livro: *Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação*, citado na bibliografia do presente artigo.

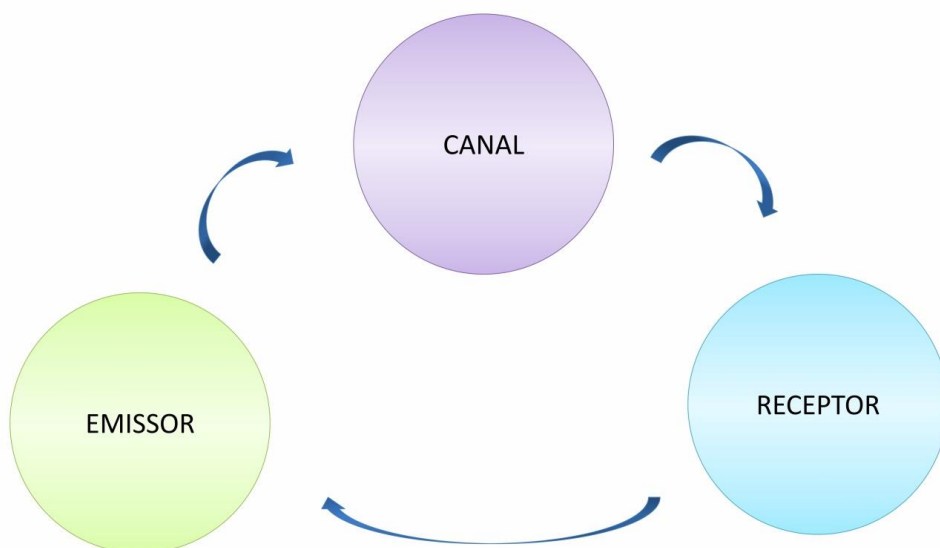


Figura 1: releitura do tradicional processo de comunicação a partir da perspectiva da educomunicação

Para Manuel Castells, Comunicação é simplesmente a conexão entre redes distintas, redes regionais e por meio das quais se formam as redes de poder. As comunidades virtuais aumentam os canais de participação coletiva. Geram informação que gera conhecimento. Sobre como utilizar meios de comunicação e novas tecnologias para promover conhecimento e levar à mudança social, o educador e comunicador Mario Kaplún, reconhecido em toda a Ibero-América por sua trajetória profissional, é certo: “Toda educação é um processo de comunicação” porque “educar é sempre comunicar”⁹².

Análise e conclusão dos resultados

Em síntese, a ideia resgata “técnicas” pedagógicas dos anos 1960, quando o pensador Paulo Freire já havia identificado o papel centralizador do processo comunicacional na prática da difusão do conhecimento. Envolvido com as

⁹² Em “Una pedagogia de la comunicación”, texto publicado em: Educomunicación: más allá del 2.0, citado na bibliografia do presente artigo.

questões de alfabetização, formação profissional e cidadania, Freire afirmava, já naquela época, que promover educação é fazer comunicação (CITELLI; COSTA, 2011). Na prática pedagógica, esse processo propõe privilegiar o compartilhar (horizontal) em detrimento do ensinar & aprender (vertical), também chamado por Freire de “educação bancária”.

O enunciado “freireano” ganhou força ao longo dos anos 1970 e expansão nas décadas seguintes – mesmo que de forma subliminar e pontual – com as novas práticas educacionais, acompanhadas da diversificação e aceleração do uso das novas tecnologias na transmissão da informação. Ao longo dos anos, o universo de meios comunicativos passou a influenciar cada vez mais a esfera educacional⁹³ e a ter um papel protagonista na vida das pessoas, especialmente no que diz respeito ao direito à Comunicação. Cada vez mais, as sociabilidades desse “novo” grupo de cidadãos foram reorientadas por práticas midiáticas na internet, em especial as redes sociais.

Por fim, é notório que, no advento das novas tecnologias, as práticas comunicacionais incorporaram novas formas de coletar, armazenar, produzir e distribuir informação, que tornam o direito humano à Comunicação uma realidade. Mais do que nunca se tornou fundamental a atenção à definição do papel “social” da comunicação. “Diante das transformações culturais em curso no mundo globalizado, o jornalismo na internet surge como possibilidade de expansão das culturas e preservação de referências locais” (BARROS, 2004).

O presente artigo não tem a pretensão de ser um trabalho conclusivo. O que se tentou mostrar por meio de texto e da imagem é que, com os avanços tecnológicos e os processos participativos de construção do saber, a aprendizagem se faz de forma horizontal e está mais para o compartilhar do que para o ensinar. Com a participação ativa do receptor, o direito humano à

⁹³ Entende-se por esfera educacional um leque mais amplo de relações, não apenas restritas ao ambiente escolar.

Comunicação se apropria do esquema de comunicação emissor → canal → receptor em um movimento circular, como já ilustrado anteriormente (figura 1).

A educomunicação legitima o trabalho coletivo com qualificação, produção e difusão de mensagens pensadas a partir de um processo democrático e crítico de partilha de ideias. Esse trabalho, feito em conjunto e por todos, recupera o encontro entre o lúdico e a aprendizagem. Convida à responsabilidade, porque todos fazem parte do processo de construção da cidadania.

Referências

APARICI, Roberto (coord.). **Educomunicación: más allá del 2.0**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2010.

BARROS, Hércules José de Matos. **Jornalismo Cultural e Internet – Análise do “Divirta-se” no Correioweb**. Brasília: UnB, 2004.

BORELLI, Sílvia H. S.; ROCHA, Rose de Melo e OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (coords). **Jovens na cena metropolitana – percepções, narrativas e modos de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs). **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MENDES, Jerônimo e FILHO, Iússéf Zaiden. **Empreendedorismo para jovens: ferramentas, exemplos reais e exercícios para alinhar a sua vocação com o projeto de vida**. São Paulo: Atlas, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da Cibercultura – Perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011.

Autor



Hércules Barros é jornalista, com mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Dedicou-se às áreas de educomunicação, juventude e mídias sociais. Integra a Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores (Renajoc) e é parceiro da publicação *Revista Viração Educomunicação*, voltada a jovens. Colabora como educador na Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids (RNAJVHA) e foi consultor da UNESCO no programa Jovem de Expressão (DF), entre 2012 e 2013. Atualmente, exerce a função de assessor de imprensa na Comunicação do INEP/MEC. Contato: meucaro@gmail.com